



PRÁTICAS DE CURA, MAGIA, EDUCAÇÃO E SABERES SOBRE PLANTAS PODEROSAS NA AMAZÔNIA

HEALING PRACTICE , MAGIC , EDUCATION AND KNOWLEDGE ON POWERFUL PLANTS IN THE AMAZON

Dayana D'arc e Silva da Silveira
Maria Betânia Barbosa Albuquerque
Universidade do Estado do Pará

Resumo

Este artigo analisa as práticas de uma curandeira da Amazônia e seus saberes acerca das plantas poderosas, ou seja, plantas que possuem o poder de proteger, atrair sorte, felicidade, afastar inveja e curar males do corpo e da alma. Tem como objetivo analisar os saberes sobre essas plantas, bem como seus diversos modos de uso. Metodologicamente, o artigo resulta de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, apoiando-se em entrevistas narrativas com uma curandeira, Dona Marina. Teoricamente, apoia-se nos estudos de Mauss (2003) e Pierucci (2001), referentes às análises sobre magia; Figueiredo (1983) e Maués (1990; 1995), acerca da religiosidade popular na Amazônia; e ainda Martinic (1994); com respeito à noção de saberes.

Palavras-chave: Práticas de Cura. Magia. Educação. Saberes. Plantas poderosas

Abstract

This paper presents a study about the practices of a female healer and her knowledge about powerful plants, in other words, plants that have power to protect, bring luck, happiness, avert envy and heal body and soul diseases. The objective is to analyze the knowledge of Mrs. Marina about the plants, as well as its many ways of use. Methodologically, this paper results of a search in locus with qualitative approach, based on narrative interviews with Mrs. Marina. It is based on studies of Mauss (2003) and Pierucci (2001), referring to analysis about magic; Figueiredo (1983) and Maués (1990; 1995), about popular religiosity in Amazonia; and Martinic (1994), about the notion of knowledge.

Keywords: Healing practices. Magic. Education. Knowledge. Powerful plants.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



As plantas têm discernimento e missão incontestável. Possuem exigências, direitos, predileções. (CASCUDO, 1967, p.55)

Introdução

Este artigo analisa as práticas de cura, a educação e, sobretudo, os saberes de uma curandeira acerca das plantas poderosas, ou seja, plantas que possuem o poder de proteger, atrair sorte, felicidade, afastar inveja e curar males do corpo e da alma. Tais plantas são também usadas como atrativo para o amor, negócios e até mesmo para proteger e guardar os lares dos indivíduos.

O contexto amazônico evidencia a importância de agentes como os pajés, curandeiros e benzedores, portadores de saberes tradicionais terapêuticos, entre os quais, as plantas, seus poderes e sua magia encontram expressão importante. Segundo Mauss (2003), a magia é uma crença coletiva chancelada pelo grupo, e a dimensão coletiva compele o mago, o rezador ou o feiticeiro a perfazer seus rituais e a seguir a tradição. Conforme explicita Pierucci (2001), pensava-se que o recurso à magia e o uso das plantas em rituais espontâneos ou complexos estaria restrito a populações de sociedades primitivas, arcaicas, indígenas ou de pequena escala, imersas na tradição e, desse modo, tais recursos seriam marginalizados com o tempo, com o avanço da cultura letrada-escolar. Em nossa sociedade, no entanto, os gestos de magia espontânea bem como as formas modernas de difusão na mídia, as novas formas de profissionalização de magos e bruxas na esteira das terapias *New Age* estão presentes por todos os lados (PIERUCCI, 2001). Nesse movimento, ressignifica-se, inclusive, o uso das plantas, cujas propriedades medicinais misturam-se às propriedades mágicas e místicas.

Ao analisar os aspectos mágicos, Mauss (2003, p. 141) aponta a insuficiência de três tipos de explicação: a) “as fórmulas da simpatia ou fórmulas simpáticas” (o



semelhante produz o semelhante); b) “a noção de propriedade mágica que certas pessoas, objetos ou plantas possuiriam”; c) “a noção de demônios” (agentes maléficos). Para ele, essas três instâncias não conseguem explicar a crença e a eficácia dos atos e rituais mágicos. Nesse sentido, Mauss (2003, p. 142) recorre à noção de *mana* e a propõe como categoria explicativa dos rituais mágicos em sua totalidade, o que, por extensão, inclui os que manipulam plantas e suas propriedades. Para ele, “*mana* não é simplesmente uma força, um ser, é também uma ação, uma qualidade e um estado. Em outros termos, a palavra é ao mesmo tempo um substantivo, um adjetivo, um verbo”. Dentre os diversos empregos e significados, destaca-se o poder do feiticeiro, a qualidade mágica, o poder mágico, o estar encantado, o agir magicamente. Para o autor:

O mana é o que produz o valor das coisas e das pessoas, valor mágico, valor religioso e mesmo valor social. [...] A ideia de mana compõe-se de uma série de ideias instáveis que se confundem. Ele é sucessivamente, qualidade, substância e atividade. (MAUSS, 2003, p. 143)

Mauss (2003) estabelece uma equivalência entre o conceito de *mana* e a ideia de sagrado afirmando que, em ambas (magia e *mana*), a fonte é a própria sociedade, as próprias forças sociais que operam como qualidade, valor, substantivo, ação. Assim, pode-se argumentar que, embora as plantas tenham *mana*, elas só podem ser operadas por quem tem *mana*, por quem recebeu esse dom, essa herança. Por fim, as plantas produzem *mana*, provocam reações, protegem do mal, propiciam o bem.

Nas populações amazônicas, constata-se a valorização dos saberes tradicionais ligados ao uso medicinal, terapêutico e mágico, das plantas. Espontânea e oriunda das tradições orais e populares, a magia é manipulada por pessoas que têm algum tipo de aprendizado e domínio das artes mágicas como se observa em rezadores, benzedeiros, feiticeiros e outros profissionais da magia (PIERUCCI, 2001), tal como é o caso de Dona Marina.¹ Moradora da ilha de Colares, Dona Marina já exerceu múltiplas funções como

¹ As entrevistas com Dona Marina foram realizadas em sua residência em Colares, em 2011. Quando na forma de citação, neste texto, elas estão escritas em itálico.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



parteira, curandeira e benzedeira, empreendendo ainda várias outras atividades como jogar cartas, realizar trabalhos espirituais e dar passes. Seus conhecimentos foram construídos por meio das experiências produzidas nas relações sociais travadas no cotidiano e nas tradições de Colares. Embora se assuma como católica, sua história é rica de misturas religiosas, o que faz de Dona Marina uma mulher portadora de “memória simbólica que aliada à fé constrói cultura ao mesmo tempo em que realiza o mistério da cura” (ARAÚJO; ARAÚJO, 2007, p. 148). Ao construir cultura e transmiti-la às pessoas que lhe procuram, Dona Marina configura-se como uma *educadora* cujo papel pedagógico exercido é fundamental para a sobrevivência da tradição que envolve o uso de plantas, em particular, as plantas poderosas. Não se trata, contudo, de uma educação escolar, formal, sistematizada, mas de uma *educação do cotidiano* pautada, sobretudo, na oralidade, na memória, nas palavras.

Em sentido filosófico, as palavras, segundo Jorge Larrosa Bondía, “são mais do que simplesmente palavras”, visto que elas “produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (BONDÍA, 2002, p. 21). Entendidas dessa forma, as palavras constituem-se em poderosos instrumentos de aprendizagem uma vez que se ensina e se aprende por meio de conversas que expressam sentidos, valores e visões de mundo que tornam a palavra e o ato de narrar como prática fundamental para a transmissão e apropriação de saberes. Essa prática interativa oral, que se traduz como *saber da experiência* apreendido no cotidiano social, também conforma as práticas educativas locais colarenses, ao lado da educação escolar.

Nessa perspectiva, o artigo analisa as principais questões implicadas na biografia de Dona Marina, tendo como foco central os saberes ensinados na *escola da oralidade* acerca das plantas poderosas, seus dons e aprendizado na arte de curar. Metodologicamente, resulta de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa baseada em entrevistas narrativas, com perguntas dirigidas a uma mulher, Dona Marina,



personagem central da pesquisa. Teoricamente, apoia-se em autores como Mauss (2003) e Pierucci (2001) referentes às análises sobre magia. Figueiredo (1983) e Maués (1990; 1995) acerca da religiosidade popular na Amazônia. A noção de saberes foi tomada de empréstimo de Martinic (1994, p. 73) que, referindo-se ao saber popular, concebe-o como:

Conhecimentos, maneiras de compreender e de interpretar que cotidianamente resultam ser necessários para um adequado desenvolvimento social. É o acervo de conhecimento que, entre os setores populares, garante a reprodução e produção do mundo social ao qual pertence. Este conhecimento proporciona um conjunto de objetivações, certezas e parâmetros que permitem ao sujeito compreender sua experiência e, ainda mais, fazê-la inteligível para os demais.²

Saberes são, portanto, conhecimentos, formas de compreensão da realidade segundo a qual determinados grupos reinventam o cotidiano, criam táticas de sobrevivência, transmitem seus saberes e perpetuam seus valores e tradições. Desse modo, indagamos basicamente sobre que saberes perpassam as práticas de cura postas em ação por Dona Marina.

Dona Marina e seus múltiplos saberes

Dona Marina nasceu em janeiro de 1931, na localidade de Itajurá, vilarejo situado nas redondezas de Colares, uma ilha localizada geograficamente na Mesorregião do Nordeste Paraense e da Microrregião do Salgado, no estado do Pará, marcada pela significativa herança indígena e pela colonização jesuítica. No período colonial, por diversos motivos, Colares chamou a atenção de viajantes que por lá passaram. Foi o caso, por exemplo, do jesuíta português João Daniel, que, no século XVIII, descreveu a ilha de Colares, também chamada de *Cabi*, da seguinte forma:

Está situada sobre uma ribanceira eminente a uma muito larga baía, que já dissemos; e com todas as regalias de boa vista, bem lavada dos ventos, e bastante populosa, por cuja razão também na geral promoção foi exaltada, e batizada com o nobre título de Vila de Colares. (DANIEL, 2004, p. 114)

² Tradução livre.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Contemporaneamente, Colares passou a ser conhecida por acontecimentos extraordinários ocorridos na década de 1970, envolvendo o aparecimento de discosvoadores. Os seres extraterrestres que visitaram a ilha ficaram popularmente conhecidos como “chupa-chupa”, em referência às aparições de fortes luzes que chupavam o sangue dos moradores.

As origens indígenas dos seus habitantes, misturadas às múltiplas lendas e mitos locais, passando pelo misterioso caso do “chupa-chupa”, transformou Colares em uma ilha cujo imaginário é entrecortado pelo fantástico e pela magia. Essa moldura, associada à riqueza natural do ambiente com sua diversidade vegetal, deu suporte para o estudo dos saberes que envolvem o uso de determinadas plantas, sendo Dona Marina uma das figuras mais importantes nesse contexto. Com 82 anos de idade, Dona Marina é detentora de uma memória prodigiosa, com um vasto conhecimento sobre plantas, fórmulas e orações, motivo pelo qual é reconhecida pelo seu saber-fazer mágico-religioso-terapêutico. Seu dom de curar “vem de Deus, assim como de sua mãe”. Entretanto, sua mãe resolveu “afastá-lo”, de modo que Dona Marina “herdou” o dom recusado por ela. Nas suas palavras:

A mamãe que era mesmo uma experiente,³ mas ela disse que ia morrer e não queria. Morria, mas não queria [aceitar o dom]. Eu tinha um tio que morava num sítio, aí esse meu tio suspendeu o que ela tinha [o dom] e disse [para a mãe de Dona Marina] um dos teus filhos vai ter esse negócio, eles vão ficar doidinhos porque tu não quiseste. Eu acho que foi isso mesmo, né? Sempre disseram que a gente que ia herdar.

Dona Marina é uma mulher com múltiplos saberes e funções, tecendo uma vida rica de memórias e vivências religiosas que a prepararam para a realização de complexas tarefas, dentre as quais: benzer, realizar partos, preparar banhos e garrafadas. Para analisar

³ Denominação dada a pessoa que possui experiências nos trabalhos espirituais.



a eficácia das práticas mágicas usadas no contexto amazônico, em especial as desenvolvidas por Dona Marina, partiu-se do raciocínio de Lévi-Strauss (2003) para quem o suposto poder de cura das garrafadas, banhos, benzeções e inúmeros outros procedimentos mágico-terapêuticos teria sua eficácia simbólica determinada pela interação de três dimensões: a) a da crença do curador na eficácia das técnicas adotadas por ele, provindas de dons divinos, assentadas em sua experiência pessoal; b) a da crença coletiva expressa por todo o grupo familiar, social e religioso nos reais poderes de cura do curador e, por extensão, também da garrafada, do banho, da benzeção, do amuleto, do talismã; c) a da crença do cliente nos dons e nas práticas do curador, benzedor, pajé ou profissional do sagrado. Este é o caso de Dona Marina, especialista do sagrado, detentora de um sistema terapêutico plural que reúne os elementos da natureza como folhas, cascas e raízes associados a práticas e crenças mágico-religiosas que, juntos, configuram amplos saberes que passamos a enfocar.

Saberes de parteira

O dom de parteira, Dona Marina acredita ter herdado de sua mãe. Ela expõe com orgulho as habilidades que a mãe possuía ao afirmar que “ela tirou muita gente do buraco”, fazendo referência aos vários casos de parturientes que quase vieram a falecer, não fossem os cuidados de sua mãe.

Antigamente, em Colares, principalmente nos arredores, Dona Marina conta que “não tinha carro, agora já tem de tanto a gente falar, reclamar, já vem o carrozinho, mas não tinha. Era tudo mesmo ou viver ou morrer; as mulheres coitadas, aí no interior tem uma vila do Mocajatuba, morria muita mulher de parto, muita, muita, muita”. O trabalho das parteiras articula-se, culturalmente, à realidade cotidiana das populações da Amazônia, onde há carência de assistência médica e dificuldade de transporte para conduzir as mulheres que moram nas diversas comunidades da ilha até o único hospital

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



da cidade. Em vista disso, segundo Barroso (2001, p. 30), em geral, a parteira é “o retrato vivo das comunidades carentes”.

Dona Marina fala que amparou muitas mulheres na hora do parto, ajudada pelo poder enviado por Deus, que fez suas mãos terem a capacidade de reverter situações complicadas: “às vezes o filho tava errado, eu mandava virar de cabeça pra baixo, eu recolhia a mão e pronto, era rápido que eu fazia aquele parto, salvei muita gente, graças a Deus”. Parteira experiente, Dona Marina nunca calculou quantos partos realizou, mas ressalta que foram muitos: “era quase todo o povo daqui”, incluindo o parto de suas filhas e netas. Seu trabalho de parteira envolvia também o domínio de múltiplos saberes sobre as plantas. Para dar dor na mulher, Dona Marina usava “três pontas da folha do *cabi*”. Em seguida fervia com nove grãos de pimenta-do-reino e uma pitada de cominho, depois de pronto dava o chá para a parturiente. Essa mistura “dava dor que não passava mais, era pra ter o bebê”. Dentre os vários casos interessantes e referentes ao dom de salvar vidas, houve um parto milagroso feito por Dona Marina:

Uma vez uma menina tava morrendo, eu cheguei lá salvei ela e salvei a criança. A criança nasceu morto e depois eu não sei que espécie de milagre eu fiz viver aquela criança, duas crianças eu fiz viver, até hoje eu me lembro. O rapaz tá aí de família, e esse também tá pra Macapá, toda vez que ele vem, vem aqui me trazer um presente.

Houve também o que Dona Marina chamou de “fracasso”, quando a criança veio a falecer. Ela conseguiu fazer o parto, eram gêmeos, mas nasceram mortos por consequência do longo tempo de espera até que a chamassem. À noite Dona Marina teve uma forte insônia e quando conseguiu finalmente dormir, sonhou com Nossa Senhora dentro de uma berlinda. Era o Círio de Colares: “olha Nossa Senhora! Ah, minha Nossa Senhora! Comecei a rezar pedindo pra ela as coisas, ela falava e me dizia assim: olha, vai ver a tua parturiente que vai morrer hoje”.



Dona Marina contou à sogra da parturiente o sonho premonitório e mandou procurarem um médico. Os parentes da parturiente fizeram o que estava ao seu alcance, pois naquela ocasião não havia nem bicicleta e a única forma era ir andando. O marido da parturiente foi de canoa até Vigia em busca de conhecido farmacêutico. Entretanto, “ele demorou demais porque era muito longe” e com isso veio a ocorrer o falecimento. Os sonhos premonitórios eram um dom de Dona Marina, que lhe permitia saber das coisas, como que a adivinhar. Cabe lembrar que, no contexto de uma Amazônia desassistida de médicos ou transportes, as práticas de adivinhação assumiram papel significativo desde os tempos coloniais, como atestam os estudos de Laura de Melo e Souza:

Adivinhações, curas mágicas, benzeduras procuravam responder às necessidades e atender aos acontecimentos diários, tornando menos dura a vida naqueles tempos difíceis. Muitas vezes, combinavam-se para tentar amortecer os impactos provocados por um dos mais importantes componentes da vida cotidiana, ligado diretamente às condições de subsistência material (SOUZA, 1986, p. 185).

A ancestralidade dessas práticas é anterior às raízes cristãs e evidencia uma inter-relação entre mundos culturais diversos: o cristianismo, o paganismo grego-romano e celta, dentre outros (GINZBURG, 2012). Os sonhos premonitórios são parte dessa herança de articulações entre saberes e práticas pagãs de cunho mágico e as orações cristãs.

Saberes da benzeção

Outra prática realizada por Dona Marina é a benzedura, prática terapêutica que conta com a força das orações/rezas/preces, em que a benzedora ou o benzedor estabelece a importante mediação com o sagrado para alcançar as curas (QUINTANA, 1999). Adultos e crianças são frequentemente levados à benzedora para tirar “vento caído”,⁴

⁴ Doença causada por vento que pode “atingir a moleira de uma criança recém-nascida se a mesma for sacudida com violência” (MAUÉS, 1990, p. 52).

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



“mau-olhado”, “quebranto”, “panemeira”. Estas últimas referem-se a mal-estar difuso, dores no corpo, desânimo que são repentinos e relacionados à inveja ou ao querer mal de vizinhos e adversários (MONTERO, 1985). As benzeções compreendem vários saberes, em que são incluídos orações, rezas e galhos de plantas. As benzeções, em geral, se fazem com a utilização de plantas, algumas tradicionalmente conhecidas como o pião-roxo, a vassourinha e a arruda, colhidas por Dona Marina no seu próprio quintal pouco antes de começar a benzedura. A água benta da igreja católica também pode fazer parte desse repertório.

Seguindo a ótica de Bourdieu (2009), talvez seja possível sugerir uma espécie de “campo mágico-religioso” das benzedoras em disputa com o campo médico-científico, enfatizando que a noção de campo envolve as disputas por poder e capital simbólico, traduzida por uma série de relações objetivas entre agentes e instituições, posicionados no campo e em constante disputa. Nesse sentido, Dona Marina sobressai-se às demais benzedoras locais, em função do acúmulo de capital simbólico. Isto talvez possa ser explicado pelo fato de suas rezas serem impulsionadas por seus guias, contribuindo, assim, para ampliar a força da reza na realização das curas: “Eles (os guias) vêm me incentivar para rezar, eles que dizem a reza” (Dona Marina).

Os saberes da benzedura de Dona Marina são múltiplos e abrangem tanto o conhecimento do ritual de benzer, quanto o conhecimento das plantas adequadas, bem como a arte de preparar os remédios. A utilização de plantas tem como finalidade receber todo o incômodo ou mal-estar que acomete o corpo adoentado. A transmissão desses males para o galho da planta é notada quando as folhas perdem o viço, ou seja, murcham, anunciando a transferência da enfermidade. A prática começa na medida em que o galho é lançando sobre o corpo do doente acompanhado com a reza, complementando-se, ao final, com prescrições de banhos próprios para cada malefício. A prática dos banhos também envolve múltiplos saberes e costuma fazer parte dos rituais de passe.



Saberes do passe

Enquanto contava os inúmeros casos de curas realizadas, Dona Marina foi até o balcão da cozinha, puxou uma cadeira, colocou-se em frente à imagem de Nossa Senhora de Nazaré, pegou uma garrafa *pet* de dois litros que continha um banho de ervas, passou nas mãos de um cliente que esperava por um passe e pediu a ele: “firma teu pensamento em Deus”. Em geral, antes de cada passe, Dona Marina aplica o banho em determinadas partes do corpo dos clientes (mãos, costas...), a fim de prepará-lo. O banho foi preparado com os seguintes elementos: guiné, cachaça, alho e incenso de mirra. O passe começou com várias orações que pediam a transmissão de boas energias, proteção e livramentos dos males. Com as mãos, Dona Marina fazia o sinal da cruz na cabeça e nas costas do rapaz. Seus pés eram acometidos por discretos movimentos, ela os esfregava no calcanhar à medida do maior fervor das orações. Suas pernas tremiam levemente. Depois houve uma pausa para enunciar o veredito ao cliente e, para finalizar, disse que passaria alguns banhos.

O passe pode ser compreendido de diversas formas. Uma concepção clássica é aquela proveniente do kardecismo que vê no passe um elemento natural, uma espécie de emissão de magnetismo e vibrações que o médium consegue canalizar melhor, mas que é biologicamente inerente à espécie humana. No âmbito da pajelança, de acordo com Maués (1990, p. 118), os passes são dados pelos pajés com a finalidade de “fortalecer as pessoas suscetíveis de contrair doenças não naturais”. O que difere o passe da prática da benzeção é o fato de que “não são sempre tomados exclusivamente para doenças. As pessoas podem procurar um pajé para tomar um passe como medida preventiva” (MAUÉS, 1990, p. 217-8). As motivações pelas quais as pessoas recorrem aos passes são muito diversas: mal-estar, dores, doenças naturais, perturbações, aflições, medos e ansiedades.



Dona Marina relatou um passe dado sobre um primo seu que precisava viajar para outro lugar e trabalhar como alfaiate. Ela o advertiu dizendo: “tu vai te dar mal e vai voltar na mesma pisada”. O primo disse que a filha já tinha alugado um quarto e dessa forma seguiu a viagem. Depois de três meses ele voltou, pois todos os planos deram errado, tendo, inclusive, que vender sua máquina de costura. Voltando a Colares mandou chamar Dona Marina para lhe dizer que tudo o que ela havia dito acontecera. Os acontecimentos futuros podem ser previstos ou intuídos por meio de sonhos. Porém, um dos meios mais populares de sondagem do que o futuro reserva é o uso de cartas de baralho comum ou de um jogo muito comum entre as tradições esotéricas e místicas, o tarô.

No uso popular das cartas do baralho, os motivos da procura são prosaicos e cotidianos, entre os quais: saber se virá um futuro amor ou um novo emprego e, ainda, se o negócio a ser “fechado” dará certo, se a saúde dos familiares e dos amigos melhorará ou piorará, enfim, uma miríade de motivos cotidianos. Dona Marina também domina essa ciência que envolve a magia das cartas. Entretanto, determinadas demandas, pela sua complexidade, exigiam de Dona Marina recursos mais trabalhosos e, por conseguinte, o manuseio de saberes mais complexos como é o caso dos trabalhos de mesa branca.

Saberes espíritas: a mesa branca

Também fez parte dos trabalhos de Dona Marina a prática conhecida como *mesa branca*, comum nas religiões mediúnicas como o espiritismo e a umbanda (GIUMBELLI, 1997). Dona Marina relatou que trabalhava fazendo muitas “mesas brancas”, porém já não executa mais essa atividade pelo fato de que sua ajudante já é falecida. A mesa era feita da seguinte forma: “A gente fazia uma mesa branca, botava umas flores, botava um copo com água, mandava os médiuns sentarem, rezava e pronto”. Essas práticas ampararam muitas pessoas: “graças a Deus a gente resolvia muitos problemas”, disse Dona Marina. No ritual, pede-se para os espíritos bons se manifestarem socorrendo

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



aqueles que carecem de ajuda ou para tirarem os espíritos perturbadores que afligem determinadas pessoa.

Dona Marina ressalta que seus saberes não lhe pertencem, mas provêm dos espíritos, seus guias espirituais. Nas suas palavras, “eu não sei nada, se eles disserem... graças a Deus eu tenho vencido”. Embora não tenha explicitado o nome das entidades com quem trabalhava nos serviços de mesa branca, dizia apenas que era com os espíritos bons, evoluídos, que doutrinavam os espíritos inferiores ou atrasados. Doutrinar é um termo muito comum no espiritismo kardecista e significa levar os espíritos inferiores a um patamar espiritual mais elevado por meio do diálogo, da prece, dos passes e da exposição da doutrina espírita (GIUMBELLI, 1997). Entidades da umbanda também participavam dessas reuniões, intervindo de forma abrupta, como os caboclos, invocados para os chamados trabalhos de “descarga psíquica”, ou seja, de limpeza espiritual pois, às vezes, um espírito ruim, um “encosto” na linguagem umbandista, persegue e emite energias negativas sobre o perseguido (MONTERO, 1985). As fronteiras entre esses sistemas não são claras e bem definidas na atuação mediúnica de Dona Marina, o que aponta para a fusão de elementos oriundos de universos distintos, configurando uma mistura cultural ou o que Nestor Canclini (2006) tem chamado de processos de hibridação, entendidos como cruzamentos de práticas, entidades, objetos, imaginários:

Essa diversidade de processos de fusão ou de cruzamentos, alguns de nós apostamos em reunir sob uma noção mais abarcadora, de hibridação, que não só reúne essas formas históricas de organização heterogêneas, como outras, modernas, como podem ser as articulações ou mesclas do culto com o popular e o massivo ou do moderno com o tradicional. (CANCLINI, 2006, p. 10).

Tal processo é mais visível se for considerada a multiplicidade de pertencimentos em sua vida religiosa, já que Dona Marina vivencia práticas ligadas aos cultos afro-brasileiros, ao catolicismo, ao espiritismo kardecista e à pajelança, difusamente referidos



nas entrevistas. Dessa trama de fios, emergem na vida de Dona Marina, os saberes mágico-religiosos, fundamentais em suas práticas com as plantas.

Saberes botânicos: o manuseio das plantas poderosas

Segundo Figueiredo (1983, p.5), os vegetais servem para diversas finalidades, pois são “moradas de Santos e Encantados; plantas protegem as casas, ervas são receitas sob formas de puçangas para curar ‘doenças naturais e não naturais’ e também são utilizadas em banhos que trazem felicidade, emprego, amor e proteção”. Em geral, as práticas mágico-terapêuticas populares possuem em suas fórmulas elementos constituídos de vegetais. As misturas aromáticas embaralham-se aos sentidos populares, criando nomes característicos, como o banho quebra-inveja ou quebra-feitiço receitas por Dona Marina. Com base em seus relatos, o quadro abaixo expressa a amplitude de seus saberes:

Quadro 1 - Plantas utilizadas por D. Marina, finalidades e formas de preparo

Planta	Nome científico	Uso popular	Finalidade	Preparo
Abre-caminho	*5	Banho	Proteção do corpo contra os males	Ferve as folhas com água. Pode acrescentar folhas de canela
Arruda	<i>Ruta graveolens L.</i>	Benzeção e Banho	Proteção do corpo	Para benzer, usa-se um galho. Para o banho: ferve as folhas com água
Cabi	<i>Cabi paraensis Ducke</i>	Banho	Cortar e proteger o corpo contra os males	Ferve as folhas com água
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i>	Banho	Proteção do corpo contra os males	Ferve as folhas com água
Combate	*	Banho	Proteção dos males	Ferve as folhas com água
Comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachi spp.</i>	Usar a planta na frente/lado ou dentro da casa – Banho	Combater o mal e proteção individual e coletiva	Banho: ferve uma folha com água

⁵ As plantas conhecidas por nomes populares cujas designações científicas não foram localizadas serão marcadas (*).

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Espada-de-são-jorge	<i>Sansaviera guineensis Milld</i>	Usar a planta na frente/ ou dentro da casa – Banho	Combater o mal e proteção individual e coletiva	Banho: ferve as folhas com água
Espada-de-joana-d'arc	*	Usar a planta na frente/lado ou dentro da casa – Banho	Combater o mal e proteção individual e coletiva	Banho: ferve as folhas com água
Hei-de-vencer	*	Banho	Combater o mal e proteção do lar	Ferve as folhas com água
Quebra-chibança	*	Banho	Proteção para o corpo	Ferve as folhas com água
Vence tudo	*	Banho	Proteção para corpo	Ferve no máximo dois galhinhos com água

Fonte: Entrevistas com D. Marina

Plantas para proteção

Os indivíduos podem sofrer ataques de energias negativas, espíritos maus ou inferiores, encantados, vizinhos invejosos e muitos outros, trazendo problemas físicos, mentais e espirituais. A categoria *proteção* constitui, portanto, uma das mais importantes a figurar nos saberes populares de cunho mágico-terapêutico. É possível observar que toda fala de Dona Marina é permeada de ambiguidades quando se trata da utilidade de cada vegetal, sendo que uma planta pode ter duas ou mais finalidades, servindo, por exemplo, para proteger do mal e ao mesmo tempo atrair bons negócios.

Segundo Dona Marina, a planta *hei-de-vencer* “é para defesa. Quando querem jogar as coisas (males) pra casa da gente é a planta que recebe”. Por outro lado, o *comigo-ninguém-pode* “é pra banho e serve para combater alguma perturbação no corpo”. O *hei-de-vencer* possui outra finalidade: “é um atraente, faz aquele banho e toma pra vencer o que quiser”. A noção de proteção é inerente à noção de vitória ou libertação do mal. Assim, Dona Marina diz que “tem uma planta que se chama *combate*, tudo isso pra cortar o mal que vem pra gente”. A *espada-de-são-jorge* “também é boa pra banho, contra o combate do mal, às vezes entra no corpo das pessoas as coisas ruins, a gente faz o banho pra fazer a limpeza”. O modo de preparo é simples: “a gente pega essa *espada-de-são-*



jorge e espada-de-joana-d'arc corta (as folhas) tudinho e ferve”. Do ponto de vista simbólico, “cortar” o mal é um elemento importante: “contra malefício, se a pessoa fizer o mal pra pessoa à gente pega a folha do *Cabi* e faz o banho, ele corta aquele mal”.

A inveja é comumente identificada por benzedores, curandeiros e pajés em suas práticas mágico-terapêuticas. O combate desse mal e a proteção em relação a ele podem ser realizados por inúmeras plantas, materializadas em banhos e garrafadas. Existem, também, outras plantas usadas para libertação e livramento da inveja ou “olho-gordo”: “*A canela, o vence tudo, o abre caminho*” ajudam a combater as forças negativas “que atrapalham às vezes as pessoas”. O indivíduo pode estar “cheio de perturbação e então toma um banho desses e aí melhora. Às vezes tá com uma inveja em cima da gente, toma um banho desses e abre os caminhos”. Os procedimentos de proteção podem incluir, antes dos banhos e garrafadas, a benzeção. Assim, Dona Marina afirma: “Tem que benzer a pessoa primeiro e passar o remédio próprio; as plantas pra mau-olhado é outro negócio, já é diferente. Tem que rezar primeiro pra poder passar o remédio de acordo com aquilo”.

Plantas para cura de doenças não naturais

A inveja, mau-olhado, panemeira e feitiço são “doenças não naturais” comuns na Amazônia. Sua cura implica uma ampla gama de saberes sobre as plantas, uma ciência própria, cujo ordenamento das fases, do que se pode usar primeiro, depois ou concomitantemente, é receita ou recomendação dos guias espirituais de Dona Marina.

Quadro 2 - Relação das plantas e sua utilização para doenças não naturais

Planta	Nome científico	Uso popular	Finalidade	Preparo
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Benzer	Curar mau-olhado	Tritura as folhas e mistura com vinagre
Arruda-do-mato	*	Banho	Curar perturbações espirituais	Ferve as folhas com água
Cabi	<i>Cabi paraensis</i> Ducke	Banho	Tirar feitiço	Ferve as folhas com água

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Cravo-de-defunto	<i>Tajetes erecta L.</i>	Banho	Curar perturbações espirituais	Ferve as folhas com água.
Cipó-catinga	<i>Mikania amara Will.</i>	Emplasto para cabeça	Curar dor de cabeça de mau-olhado	Tritura as folhas e mistura com vinagre
Combate	*	Banho	Curar panema	Esfrega as folhas na água e depois ferve
Janaú ou tira-panema	*	Banho	Curar panema	Esfrega as folhas na água e depois ferve
Japana branca	<i>Eupatorium ayapana Ventem</i>	Emplastro para cabeça	Curar dor de cabeça de mau-olhado	Tritura as folhas e acrescenta cachaça
Hei-de-vencer	*	Banho	Curar panema	Ferve as folhas com água
Oriza	<i>Pogostemon heyneanus Benth</i>	Banho	Curar mau-olhado de criança	Esfrega as folhas na água
Paricá	<i>Schizolobium amazonicum</i>	Banho	Tirar mau fluido	Tritura as folhas e acrescenta cachaça
Pau d'angola	<i>Vitex agnus-costus</i>	Banho	Tirar feitiço	Tritura as folhas e mistura com cachaça, pode acrescentar as folhas do paricá
Quebra-feitiço	*	Banho	Limpar o corpo	Ferve as folhas com água
Sombra do mundo	*	Banho	Curar panema	Ferve as folhas com água
Tamanca-de-espino	*	Banho	Afastar perturbação espiritual	Tritura as folhas e acrescenta água benta
Tamba-tajá	*	Sumo	Curar ferida de feitiço	Rala a batata do tamba-tajá e frita com azeite de dendê
Vence-batalha	*	Banho para cabeça	Tirar mau-olhado	Ferve as folhas com água, deixa esfriar e acrescenta um pouco água benta
Pião-roxo	<i>Jatropha gossypifolia L.</i>	Banho	Tirar panema	Ferve as folhas na água
Mucuracaá ou Guiné	<i>Petiveria alliaceae L.</i>	Banho	Tirar feitiço	Ferve as folhas na água
Cumacá	<i>Elcomarrhiza amylacea</i>	Sumo	Curar ferida de feitiço	Tritura a folha para tirar o sumo e aplica no local afetado

Fonte: Entrevistas com D. Marina

Dona Marina afirma que para “mau-olhado a gente pega as folha do *quebra-chibança* e ferve”. As folhas do *vence-batalha* também são fervidas, porém “deixa esfriar, bota um pouco de água benta pra lavar a cabeça”. Ainda é possível encontrar a *japana*

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



branca que, depois de “bem batido”, é misturada “com a cachaça e coloca aquele pano” na testa “e não deixa cair nos olhos, ensopa e deixa amarrado”. A eficácia é garantida uma vez que “aquilo é um santo remédio pra tirar dor de cabeça de mau-olhado”.

A planta *cipó-catinga* possui “umas folhas, a gente bate também e mistura com um pouco do vinagre e amarra na testa com um pano”. Para tirar feitiço, “primeiro é por meio de trabalho espiritual e a pessoa tem que fazer um trabalho quando o feitiço tá muito forte”. Segundo D. Marina, “é necessário está no meio de um trabalho pra poder quebrar aquela força e depois passar um remedinho pra acabar de curar”. Corroborando a ideia de Mauss (2003) sobre *mana*, constata-se nos relatos de Dona Marina que há poder nas plantas, dentre os quais o poder de limpar e afastar maus espíritos. Para além da clássica oposição entre sagrado e profano, neste caso, utiliza-se a casca *acapu* e o cipó *sombra do mundo* associado à água benta:

É pra dá força nos trabalhos da gente, a casca do acapu, a casca do cedro, tudo é pra afastar espírito, a pessoa tá com aquela coisa no corpo forte, faz um banho assim, ajuda a limpar o corpo da pessoa. [...] Sombra do mundo: pra tirar perseguição do corpo da pessoa, afasta espírito... faz o banho, põe água benta... esfrega na água.

Para a limpeza do corpo, usa-se “cachaça com *pau d’angola* e *paricá*, a gente rala pra preparar com cachaça pra fazer o banho”. Segundo D. Marina, “o *cabi* é próprio pra limpeza, pra tirar feitiço do corpo da gente. O *cabi*, o *mucuracaá*, eles também chamam de *guiné*”. Já para feitiços, Dona Marina acredita que o “*quebra-feitiço* é pra negócio de umbanda, pra quando a pessoa tá com perturbação de espírito de feitiço, a gente passa esse banho pra quebrar aquela força diabólica”. Com um nome bastante significativo, a *disciplina* “é uma planta que corta o mal que vem pra gente. Às vezes o negócio tá ruim, aí a gente toma aquele banho e melhora”. E completa que, para “doenças espirituais, panema, assombrado e espírito, eu ponho a folha do *cravo*, a *sombra do mundo*, *quebra-feitiço*”. Sobre panema, Dona Marina diz:

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Pra panemeira, eu tenho uma planta que chamam janau, o nome dele mesmo é tira-panema. A gente esfrega na água com aquele combate e hei-de-vencer. Agente ferve e depois toma o banho do sal grosso primeiro, aí depois, toma aquele banho. É muito bom pra combater essas coisas.

Por fim, o *pião-roxo*, usado para afastar forças maléficas e tirar panemeira:

Pra quebrar força de espírito mau, pra quebrar as forças das pessoas que estão com uma perturbação diabólica. Bater com pião-roxo em quem encontra-se com espírito mau, faz com que o espírito vá embora. Bate na casa também pra afastar perturbação espiritual, às vezes tá com algum encosto, aquilo é muito bom. Também ele é bom pra tirar panemeira, às vezes a pessoa tá panema, faz um banho pra pessoa afastar aquela força diabólica. Para o banho, mistura a folha dele, pode botá água benta e tomar o banho.

Muitas plantas são usadas para benzer e tirar cobreiro, uma espécie de dermatite na pele, que provoca intenso prurido, vermelhidão e, às vezes, inflamação: “*Vassourinha* para cobreiro (cobreiro) e para benzer, tira o galho da *vassourinha*, *arruda* tudo é bom, *pião-roxo* também”. Nesse sentido, pode-se observar que uma mesma planta pode ter diversas utilidades mágico-terapêuticas, como é o caso de plantas que servem ao mesmo tempo para limpar o corpo e a casa:

Espada-de-Joana-D’arc combater algum mal do corpo da gente. Ferve com espada-de-são-Jorge e faz o banho e toma pra combater as dificuldades do corpo. Serve pra proteger a casa, a gente planta muito, cura também ela pra fechar a casa, cura a espada-de-são-jorge e a joana d’arc.

Outro exemplo de múltiplo uso, natural e espiritual, é o *buiucú*, que, segundo Dona Marina, “é um pau grande do mato, serve pra mau-olhado, aborrecimento do corpo da gente” (com a casca do *buiucú* faz o caldo e passa com cachaça no corpo), sendo ainda “ bom pra botar mioma, purgante”. Algumas plantas são usadas como emplastro, uma espécie de preparado em que a planta é esmagada e seu sumo, aquecido ou não, é colocado sobre o corpo, em geral, envolvido num pano. Há, porém, emplastos que são envolvidos



com a própria folha da planta, como nessa receita para curar ferida provocada por feitiçaria:

A batata do tamba tajá, uma planta que tem uma orelha de baixo da folha. Rala a batata dela, frita no azeite de dendê, tem aqui no quintal o cumucá: é uma planta próprio pra isso. Assa a dita folha do tamba tajá e coloca na folha a batata frita no dedê e cumucá triturado. Coloca no pé ou em qualquer lugar que esteja afetado por ferida. Bote três emplastro. Se doer muito, põe com cachaça, vai doer, mas se doer muito você tira do jeito que tá e em seguida faz um fogo no quintal com pimenta malagueta ou joga o sal ou joga com pólvora e deixa queimar. Às vezes tira até bicho quando é coisa feita, (feitiço) ele sai.

A cachaça é um elemento comum usado em banhos, garrafadas e emplastos, garantindo a eficácia do preparado. Com isso, agrega-se mais um elemento no complexo hibridismo mágico-religioso. Outros motivos comuns, pelos quais benzedores, curandeiros e pajés são procurados são as demandas relativas a problemas afetivos, como amizade e amor.

Plantas para demandas afetivas e amorosas

A busca por um par amoroso, a dor da traição de um amigo, a humilhação imposta por um chefe, levam muitas pessoas a tomarem banhos e garrafadas. Dona Marina tem algumas receitas para tratar esses estados afetivos:

Quadro 3 - Plantas para demandas amorosas, finalidades e modos de preparo

Planta	Nome científico	Uso popular	Finalidade	Preparo
Abre-caminho	<i>Lygodium volubile Sw.</i>	Banho de defesa	Superar dificuldades nos afetos	Ferve as folhas com água-de-chama, incenso de uirapuru (apenas uma gota)
Amansa-corno	*	Chá	Acalmar o(a) companheiro(a)	Ferve as folhas com água.
Chega-te-a-mim	<i>cf. Amaranthus sp</i>	Banho	Atrair amor	Ferve as folhas com água-de-chama
Chora-nos-meus-pés	*	Banho	Trazer a pessoa amada de volta	Ferve as folhas com água-de-chama e acrescenta folhas de chega-te a mim

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Disciplina	*	Banho	Superar dificuldades no amor	Ferve as folhas com água-de-chama, incenso de uirapuru (apenas uma gota)
Mão-aberta	*	Banho	Abertura, generosidade do companheiro (a)	Ferve as folhas com água
Tajá-de-pena	*	Banho	Despertar piedade	Ferve as folhas com água-de-chama

Fonte: Entrevistas com D. Marina

Com um sugestivo nome, Dona Marina afirma que a planta *chora-nos-meus-pés* é ideal para resolver problemas e dificuldades amorosas, servindo como poderoso atraente no amor. “Ferve ele, bota um pouco de água-de-chama, chega-te-a-mim e toma o banho, a gente conversa o que a gente quer, ou seja, pede aquilo que deseja, pede pra Deus”. A *água-de-chama*, composto de água perfumada, é usada em combinação com muitas plantas para dar a eficácia pretendida (no amor, dinheiro, sorte). Outro ponto a se observar nas falas de Dona Marina é que ela se refere às mesmas plantas, mas de formas bem diferentes, pois existem vários nomes populares:

Olha aquela folhinha miudinha ali, já vi várias vezes o nome dela como chora-nos-meus-pés, outro me vendeu com outro nome. Antigamente o pessoal conhecia essa planta como casca-preciosa. Ela é muito boa pra fazer banho pra desembaraçar o corpo da gente. Trazer a pessoa amada de volta. É um atraente para o amor.

Atração, desembaraço e trazer a pessoa amada de volta aparecem na fala acima na mesma sequência, indicando sua sabedoria acerca dos múltiplos usos e propriedades de certas plantas. Nessa alquimia, até mesmo determinados animais são utilizados para atrair um bom negócio; pode-se fazer um banho mais intenso que mistura plantas e essências de *uirapuru* (pássaro) e *bota* (boto fêmea). Essas essências são chamadas de incenso por Dona Marina:

Pra fazer uma coisa dessa, só com negócio de atraente, abre-caminho, disciplina, chega-te-a-mim, esses banhos a gente ferve as folhas e a água-de-chama, incenso de uirapuru, tem aquele incenso da bota, a

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



gente só põe uma gota porque aquilo catinga [fede]. Também usa o perfume pra ajudar, todo aqueles perfume que a gente usa, um pouquinho só.

Às vezes, uma planta pode ainda aparecer em três categorias, como a *mão-aberta* que serve para ficar bondoso, ter proteção, tirar panema. Assim receita Dona Maria: “é pra banho, é pra fazer a pessoa, o marido abrir a mão” para a esposa ou para qualquer outro indivíduo. Outra planta muito comum nas demandas de amor é a chamada *amansa-corno*, utilizada “pra amansar homem”. De acordo com Dona Marina, “a gente põe o nome da pessoa” fazendo da seguinte forma: “planta o nome da pessoa debaixo daquela planta”. Segundo ela, quem quiser domar seu companheiro basta ter a planta *amansa-corno* e, com um pedaço de papel, escreve-se o nome do homem e enterra debaixo da planta. Há ainda outro uso do chá das folhas do *amansa-corno*: “tira aquela folha e faz o chá, e aí quando a pessoa tá precisando tomar um chá, a gente aproveita e dá”. É muito eficaz para “quebrar aquela força, às vezes aquela pessoa é tão ignorante, aí amansa mesmo, o nome já diz”. Destaca-se ainda o *tajá-de-pena*, com a finalidade de causar pena. Para fazer o banho ferve-se as folhas, “bota água-de-chama e toma o banho pra proteção: Sua finalidade é:

Pra terem pena da pessoa. A gente toma aquele banho, as pessoas olham pra gente de outro jeito. Pra ter pena pra ajudar a gente, nesse sentido... Às vezes, a gente não sabe como a pessoa se pronuncia e a gente faz um banho desse e a pessoa fica com uma força, o poder da pessoa olhar pra aquela pessoa de outro jeito, de outra maneira... ficar mais humilde.

Se o amor e seus desenganos são motivos de muita procura, não são menores as demandas por prosperidade, atração de bons negócios ou dinheiro, configurando importante categoria a permear os saberes de Dona Marina.



Plantas para prosperidade, dinheiro e negócios

Muitos clientes procuram soluções para saírem de dificuldades financeiras ou para iniciarem um novo negócio. Aqui também é possível observar a dupla finalidade de algumas plantas, como é o caso do “*chega-te-a-mim* que também é usado para negócio”.

Quadro 4 - Plantas para obter prosperidade e modos de preparo

Planta	Nome científico	Uso popular	Finalidade	Preparo
Abre-caminho	*	Banho	Abrir caminhos nos negócios	Ferve as folhas com água
Botinha	*	Banho	Abrir negócios	Ferve as folhas com água
Combate	*	Banho	Combater dificuldades financeiras	Ferve as folhas com água
Chega-te-a-mim	<i>cf. Amaranthus sp</i>	“Perfume”	Atrair bons negócios, dinheiro	Extrai a essência da planta, mistura com água-de-chama, colônia selvagem e incenso de “bota”
Comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachia picta Schott</i>	Banho	Atrair bons negócios, desembaraçar dificuldades nos negócios	Ferve as folhas com água
Desembaraça	*	Banho	Superar dificuldades nos negócios	Ferve as folhas com água
Disciplina	*	Banho	Superar dificuldades nos negócios	Ferve as folhas com água
Vence-tudo	*	Banho	Superar dificuldades nos negócios	Ferve as folhas com água

Fonte: Entrevista com D. Marina

Quando há dificuldades financeiras ou quando os planos e metas não dão certo é preciso tomar um banho para “desembaraçar o corpo” e “atrair coisas positivas”. Assim recomenda Dona Marina:

Para atrair dinheiro já é outra coisa, pra fazer o banho tem incenso de uirapuru, incenso do chega-te-a-mim, água-de-chama, o incenso da chama, bota tudo junto na colônia selvagem e prepara. Quando tem perfume usa no perfume. Eu não gosto de fazer essas coisas porque o pessoal me perturba demais, aí eu não faço essas coisas.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



O *vence tudo* “é utilizado quando a pessoa tá atrapalhada com algum negócio”. Para tanto, basta “ferver, mas não põe galhos grandes, um ou dois galinhos (no máximo) porque ele coça”. O *vence-tudo* e ainda o *abre caminho*: “se tiver com alguma dificuldade, faz o banho. Se quiser, põe canela, que é um grande remédio”. A planta *desembaraça* serve “pra desembaraçar alguma coisa, às vezes a pessoa tá enrolada com alguma coisa, toma aquele banho e ajuda a desenrolar o problema”. O *comigo-ninguém-pode* “é um atraente para desembaraçar os negócios da gente, pode ferver uma folha pro banho”.

Outra planta a mostrar múltiplos usos e propriedades chama-se *combate*. Ela “corta os males; quando está com uma dificuldade, faz o banho pra desenvolver e combater qualquer dificuldade financeira”. Basta “ferver a folha e tomar o banho”. Uma outra modalidade de uso das plantas são as chamadas *plantas curadas*, servindo, em geral, para a proteção da casa. Extrapolando clássicas dicotomias entre humanos e animais (VIVEIROS-DE CASTRO, 2002), observou-se que, nos ensinamentos de Dona Marina, curar determinadas plantas significa dizer que a planta se transformará em uma pessoa ou animal com o objetivo de amedrontar alguém e proteger o lar.

Considerações Finais

Neste artigo, teve-se o propósito evidenciar as principais questões implicadas na história de vida de Dona Marina, em particular, seus saberes acerca das plantas poderosas, seus dons, heranças e aprendizado na arte de curar.

Seus saberes sobre plantas, bem como o uso mágico-terapêutico, são vastos, herdados de sua socialização primária que lhe forneceram as bases necessárias para executar diversas práticas, tais como benzer, curar, fazer partos, jogar cartas ou dar passes. Nessa construção, Dona Marina relata a presença de diversos mestres, em particular, sua mãe, primeira professora, com quem aprendeu os saberes de parteira, bem como o uso e preparo de banhos e garrafadas. Dona Marina contou também com a

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



sabedoria proveniente dos seus guias e encantados, além de fonte fundamental: Deus, segundo seu próprio relato.

Ao transmitir tais saberes às pessoas na forma de ensinamentos orais e receitas, Dona Marina configura-se como uma educadora singular cujo papel é vital para a sobrevivência do sistema mágico-terapêutico local baseado, fundamentalmente, no uso de plantas. Esse tipo de educação, contudo, não prevê um tempo ou um lugar especial para aprendizagem, visto que é na vivência cotidiana que ocorre a circulação de sentidos e significados de teor pedagógico, onde, segundo Brandão (2002, p.143), “de alguma maneira se ensina-e-aprende o que é importante para que indivíduos biológicos se tornem pessoas sociais”.

Cabe ressaltar que os saberes sobre as plantas poderosas, cuja finalidade é proteger, afastar, trazer amor, felicidade, dinheiro, entre outros, algumas vezes, são vistos como crendices e superstições, tendo sua eficácia posta em dúvida e seus especialistas vistos como enganadores e charlatões. No entanto, esse saber especializado é parte essencial da vida da população amazônica, particularmente, quando se constata a carência de postos de saúde e de médicos no atendimento à população carente. E mesmo quando se constata a presença da medicina oficial, ainda assim as pessoas não deixam de recorrer à ajuda de benzedoras e outros especialistas. Em vista disso, pajés, benzedores e curandeiros fornecem dados ricos quanto ao modo de utilização e o preparo dos remédios, assim como o tratamento indicado. Esses indivíduos e seus saberes, agindo como educadores no seio da comunidade não podem, portanto, ser marginalizados, na medida em que representam a esperança do povo que sofre, que enfrenta diariamente os transtornos com a falta de saúde e transporte no socorro aos doentes, como foi evidenciado em Colares.

O estudo mostrou que os moradores de Colares fazem uso significativo dos remédios caseiros, dos banhos e garrafadas. Entretanto, pajés, benzedores e curandeiros

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



estão cada vez mais escassos na ilha. O motivo seria o envelhecimento e falecimento desses especialistas, bem como a impossibilidade de transmissão desses saberes e práticas aos filhos, parentes ou conhecidos. Dona Marina confessou não ter ninguém para repassar seus saberes, embora tenha dito que alguns de seus filhos nasceram com o dom. Segundo ela, eles não se dedicaram e, dessa forma, resolveu afastá-los dos dons espirituais, configurando esse fato um problema que ameaça a sobrevivência do rico manancial de saberes de que é portadora e dessa pedagogia do cotidiano.

Referências

- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina rústica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- ARAÚJO, Júlio César de; ARAÚJO, Jordeanes, **Simbolismo e imaginário: um olhar sobre a cultura no Vale do Juruá**. Manaus: Valer, 2007.
- BARROSO, Iraci de Carvalho. **Saberes e práticas das parteiras tradicionais do Amapá: histórias e memórias**. 2001. 00 f. Dissertação (Mestrado em História) – UNICAMP. Campinas: 2001.
- BONDIA, Jorge Larrosa, Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação** [online], Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-8, Jan-Abr, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Acesso em 15.03. 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **Gênese e estrutura do campo religioso**. São Pauo: Perspectiva, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CANCLINI. Estudos sobre cultura: Uma alternativa latino-americana aos cultural studies. Entrevista com Néstor García Canclini. **FAMECOS**, Porto Alegre, n. 30. p. 1-9. ago. 2006.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



CASCUDO, Luis da Câmara. **Tradição, ciência do povo**. São Paulo: Perspectiva, 1967.

DANIEL, João. **Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas**. v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

FIGUEIREDO, Napoleão. **Banhos de cheiro: ariachés e amacis**. Rio de Janeiro: Cadernos de Folclore, 1983.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna: decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “O feiticeiro e sua magia”. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 2003. pp. 194-195.

MARTINIC, Sérgio. “Saber popular y identidad”. In: Moacir Gadotti; C. A. Torres. **Educação popular: utopia latino-americana**. São Paulo: Cortez; Edusp, 1994. pp. 69-88.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: UFPA, 1990.

_____. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: CEJUP, 1995.

MAUSS, Marcel. “Análise e explicação da magia”. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003. pp. 132-170.

MONTERO, Paula. **Da doença a desordem: a magia na umbanda**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

PIERUCCI, A. F. **A magia**. São Paulo: Publifolha, 2001.

QUINTANA, Alberto Manoel. **A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatia e uma pitada de psicanálise**. Bauru: EDUSC, 1999.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multiculturalismo na América indígena. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2002. pp. 347-399.

Sobre as autoras

Maria Betânia Barbosa Albuquerque: Doutora em Educação pela PUC-SP; Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA); mbetaniaalbuquerque@uol.com.br

Dayana Dar’c e Silva da Silveira: Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); darc.dayana@yahoo.com.br

Recebido em: 19/09/2015

Aceito para publicação em: 15/10/2015